

## “TERREMOTOS” NA HISTÓRIA JUDAICA

PROF. REUVEN FAINGOLD

Dias atrás, sentado na poltrona do avião, lia uma crônica escrita pelo antropólogo e consultor de empresas Luiz Marins. O cronista comentava que, passado o terremoto de Lisboa em 1755, o rei de Portugal D. José perguntou ao general Pedro D’Almeida (Marquês de Alorna), o que devia ser feito após tamanha tragédia. Ele respondeu ao rei:

*“Sepultar os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos”.*

A resposta me intrigou. A frase do Marquês, aparentemente simples, é um convite à reflexão. Muitas vezes temos em nossas vidas pessoais **terremotos** avassaladores como o de Lisboa de meados do século 18. A catástrofe é tão grande que perdemos a capacidade de raciocinar para agir de maneira clara e objetiva. Esses terremotos podem ser diversos: um amor não correspondido, desentendimento de tipo profissional, erros incorrigíveis com nosso melhor cliente, um destrato diante do paciente, uma doença inesperada, uma separação conjugal, uma morte súbita, etc. Todos estamos sujeitos a terremotos na vida. Quem está vivo sabe perfeitamente que há falhas geológicas sob os nossos pés e que podem gerar tremores a qualquer instante.

E os povos? Por acaso eles não possuem seus momentos sísmicos, seus próprios terremotos? O povo judeu é talvez o caso mais significativo. Atravessou tempestades ou terremotos, porém sempre ressurgiu fortalecido das cinzas. A prova está no passado ano de 2005, quando lembramos os 60 anos do fim do Holocausto. O que devemos fazer?

Exatamente o que o que mandou fazer o Marquês de Alorna: *“Sepultar os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos”*. E o que significa isto para nossas vidas? Vejamos:

- 1. Sepultar os mortos:** para o povo de Israel significa não ficar a mercê do passado. O passado serve apenas para justificar nosso presente e poder atingir um futuro mais promissor. A prece de quase todas as festividades judaicas e dias de recordação **“shehecheyanu, vê-kiymanu, vê-higuiyanu, la-zeman há-zé”** (Bendito sejas Tu, Senhor do Universo, que nos fizeste chegar a estes dias) é uma prova irrefutável que o passado existe como testemunha da existência presente, e para garantir a existência futura. Os três verbos hebraicos da prece (separados por vírgulas) aparecem em plural e em tempo passado, possuindo um valor intrínseco, pois priorizam os dias atuais (**há-zeman há-zé**), e certamente antecipam tempos vindouros. Para nós judeus, é essencial sepultar os mortos e assim enterrar o passado. Colocar o passado debaixo da terra não significa esquece-lo, mas constatar que o tempo não pára e a **MEMÓRIA** precisa retomar seu processo cíclico de regeneração.
- 2. Cuidar dos vivos:** para o povo judeu significa cuidar do presente. A referência aos vivos abrange a todos nós, judeus do mundo inteiro responsáveis pelo presente de nossa nação, agora com seu Estado livre e soberano. Cuidar de quem está vivo é cuidar de quem sobrou do último **terremoto**, do genocídio perpetrado por Hitler e comparsas. Depois da libertação dos campos de concentração e extermínio pelos aliados, os judeus espalhados mundo afora fizeram o que teve de ser feito para salvar o que restou do terremoto. Era tempo de recomeçar, de reconstruir, tempo de cuidar dos vivos. Afinal, somente eles garantiriam a dignidade do povo nas gerações futuras.
- 3. Fechar os portos:** Cientes que os portos são portas de entrada aos países, o povo de Israel não pode deixar portas abertas para que novos problemas possam surgir. Fechar os portos é, não deixar brechas que causem novos **terremotos**, e ao mesmo tempo ficar alerta para não sermos pegos de surpresa. Significa também manter o foco em **cuidar dos vivos**. Implica concentrar-se na reconstrução através do trabalho produtivo. Jamais esquecer que outros terremotos estão em plena ebulição e poderão voltar a nos destruir. Ficar sempre em alerta máxima.

É assim que a História Judaica ensina. Todos nós, judeus, estamos sujeitos a tremores sísmicos. Não é

novidade. E, caso ele acontecer não se esqueça: *Enterre os mortos, cuide dos vivos e feche os portos*. Para o povo judeu as lições do Marquês de Alorna são atuais e valiosas. Diante da realidade em que vivemos: o conflito no Oriente Médio (EUA-Irak e Israel-Palestina), o recrudescimento do anti-semitismo na Europa e a intolerância com as minorias em geral, o melhor ensinamento seja mesmo *“sepultar os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos”*.

**\* O Prof. Reuven Faingold é historiador e educador; PHD em História e História Judaica Medieval pela Universidade Hebraica de Jerusalém e membro fundador da “Sociedade Genealógica Judaica do Brasil”. Ele leciona no Colégio Iavne, e ministra cursos na Casa do Saber e no projeto “Arte na Escola” da Fundação Iochpe.**